

Igualdade também se aprende na escola



Por uma educação não sexista, anti-racista e não homofóbica

Josineide Meneses | Ana Cecília Cuentro **Organizadoras**

Uma publicação **Gestos** – HIV e AIDS, Comunicação e Gênero. Resultado do projeto homônimo em parceria com a **Secretaria de Políticas para as Mulheres** do Governo Federal.

Igualdade também se aprende na escola

Por uma educação não sexista, anti-racista e não homofóbica



Soropositividade Comunicação Gênero

Programa de Mobilização e Educação em Direitos Humanos	Alessandra Nilo
Programa Psicossocial	Josineide Meneses
Desenvolvimento Organizacional	Ivete Xavier
Projeto	Igualdade também se aprende na escola: <i>Educação não sexista, anti-racista e não homofóbica</i>
Coordenação do projeto e organização da publicação	Josineide Meneses Ana Cecília Nascimento Cuentro
Suporte Técnico	Josineide Meneses Ana Cecília Nascimento Cuentro Juliana Cesar
Apoio	Secretaria de Política para as Mulheres
Edição e Design	Claudio Fernandes [Lamparina Design]
Revisão	Cláudio Lira
Impressão	Cada Caso Comunicação
Tiragem	1200 exemplares



apresentação

A experiência da Gestos em ações educativas para os direitos humanos

A GESTOS — SOROPOSITIVIDADE, COMUNICAÇÃO e Gênero — é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1993, cuja missão é fortalecer os direitos humanos das pessoas vivendo com HIV e de populações vulneráveis à DST e à AIDS. Mobiliza, assim, a sociedade, desenvolvendo ações educativas e de comunicação e produzindo conhecimentos, na perspectiva da cidadania sexual, equidade de gênero e justiça social.

A partir de 1995, a instituição desenvolve atividades de prevenção contra o HIV, orientada pelos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos e equidade de gênero. Dentre as atividades que já desenvolveu, no campo da educação, incluem-se:

- Formação de multiplicadores/as jovens de informação em suas comunidades;
- Pesquisas em relação à sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, violência contra a mulher, dentre outros;
- Formação dos profissionais de saúde, de

educação e de assistência social sobre sexualidade, isonomia de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Desde 1995, a Gestos desenvolve ações educativas no campo da sexualidade, prevenção às DST, HIV, AIDS, direitos sexuais e direitos reprodutivos com crianças e adolescentes. Em 1998, publicou o livro de contos dirigidos a adolescentes *E Ai, Tá Ligado?!* e sistematizou sua experiência de trabalho com jovens publicando o livro *Diante do Novo*. Ainda em 1998, capacitou professoras da rede pública de educação de jovens e adultos do município de Camaragibe, Pernambuco, sobre o tema transversal referente à orientação sexual.

Em 2004, a Gestos desenvolveu o projeto *Educação Não-sexista, Antirracista e Não-Homofóbica*, que teve o objetivo de promover o envolvimento e a atitude pró-ativa do corpo docente e de estudantes das escolas públicas municipais do Recife na perspectiva da educação não-sexista, antirracista e não-homofóbica. Assim contribuiu para as mudanças das relações de gênero, com vistas à desconstrução dos este-



Gestos | Compartilhando experiências para o Brasil alcançar justiça social com direitos humanos.

reótipos e promoção de mudanças nos comportamentos, atitudes e discursos que reproduzem as desigualdades entre homens e mulheres. Introduzindo esse tema no convívio escolar e na prática pedagógica, 120 professoras e 1.080 alunos foram beneficiados por essa ação, que foi sistematizada com a publicação de *Respeitando as Diferenças no Espaço Escolar*.

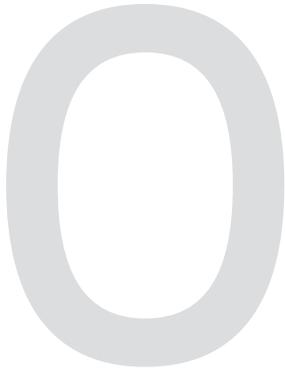
Por mais de dez anos, a Gestos desenvolveu trabalhos com crianças e adolescentes que viviam e conviviam com HIV e AIDS na faixa etária de 3 a 16 anos, ampliando estratégias que se articulavam desde o campo técnico ao político.

Em 2012, voltamos a trabalhar com professores da Rede Pública de Educação. Dessa vez, nossa ação se dirigiu às(aos) professoras(es) da Rede Estadual de Ensino. Mais do que um desejo de trabalhar novamente com docentes da rede pública, sentimos a necessidade de continuar questionando sobre a filosofia que temos construído a fim de superar a perpetuação das práticas discriminatórias e as formas como a sociedade tem naturalizado o preconceito, o racismo e até mesmo a violência.

Na escola, como reflexo da sociedade,

temos enfrentado um contexto desafiador, que continua sendo pautado pela ideologia patriarcal e racista, que, nesses últimos anos, tem-se aguçado a partir de uma onda conservadora que atinge inclusive o parlamento. Nesse sentido, muitos avanços que poderiam ocorrer na sociedade e na comunidade escolar têm-se refreado a partir de uma lógica machista, heteronormativa e racista, que termina por promover a desqualificação do outro, a exclusão e a violência.

Visando contribuir com uma lógica diferente dos sentidos colocados por essa ordem, somamos-nos ao corpo docente de escolas públicas de quatro municípios e desenvolvemos então o *Projeto Igualdade também se aprende na escola*. Para pô-lo em prática, foi fundamental o apoio da Secretaria de Políticas para as mulheres do Governo Federal e a parceria da Secretaria Estadual de Educação e das Secretarias Municipais de Educação de Machados, Glória do Goitá e Bezerros, a quem agradecemos pela confiança no nosso trabalho. 🌀



projeto

Igualdade também se aprende na Escola
Educação não sexista, anti-racista e não homofóbica

O BRASIL TEM FEITO UM ESFORÇO ESPECIAL no sentido de produzir políticas públicas para o enfrentamento ao machismo, ao racismo e à homofobia. No entanto, no contexto nordestino em que vivemos, a combinação histórica entre pobreza, subdesenvolvimento, migração, desinformação, patriarcado e as diversas formas de homofobia, sexismo e violência marcam o cotidiano de mulheres e homens da nossa região. Esse contexto permeia e estrutura diversos campos da vida social, inclusive as instituições sociais, dentre as quais está a escola.

O país foi protagonista e é signatário em conferências mundiais que propunham mudanças na educação. A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (ICPD, Cairo, 1994), no capítulo sobre População, Desenvolvimento e Educação, sugere a incorporação da saúde sexual e reprodutiva nos conteúdos escolares (UNFPA: 2004: 112). A Conferência Mundial sobre a Mulher (Pequim, 1995) propõe, dentre as medidas para eliminação das discriminações de gênero, a formação do corpo docente para uma prática pedagógica não dis-

criminatória e a adoção de material que não reproduza os estereótipos de gênero. A Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância (Durban, 2003) solicitou aos Estados que desenvolvessem programas culturais e educacionais que combatessem o racismo, assim como recomendou a revisão de livros e currículos para afastar elementos que promovam a discriminação racial. Todas essas preocupações estão refletidas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, além de ser matéria de proposição dos movimentos sociais e das organizações da sociedade civil. No entanto, embora vivamos hoje num cenário diferente em relação aos direitos das mulheres, da população negra e da população LGBTQTI – lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais –, ainda há, em todos os campos da vida social, muita opressão, discriminação e preconceito.

As mulheres, principalmente as negras, têm sido associadas a perversos estereótipos sexuais e de beleza, que reforçam a ideia de submissão e cristalizam uma visão sexista do mundo. Isso interfere no seu desenvolvimento,

pois associam os homens ao poder, à força e à superioridade, e as mulheres, à inferioridade, dependência e aceitação. Essas concepções, muitas vezes, estão presentes nos livros didáticos, nos conteúdos e nas relações que se desenvolvem nas escolas. Também a população LGBTQI tem sua identidade, na maioria das vezes, negada pela escola e, como em todas as áreas da sociedade, sofre com os preconceitos e estigmas que se perpetuam também na educação formal.

Buscando enfrentar essa realidade, a Gestos, em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, realizou

1. Realização de oficinas temáticas, sobre gênero; direitos sexuais e reprodutivos; violência contra a mulher e Lei Maria da Penha; Homofobia; e Racismo com professores de quatro municípios (Recife, Machados, Glória de Goitá e Bezerros);
2. Realização de um projeto de ação educativa sobre uma das temáticas contempladas no projeto;
3. Execução das ações educativas nas escolas.

Após a conclusão de todas essas etapas, realiza-

As mulheres, principalmente as negras, têm sido associadas a perversos estereótipos sexuais e de beleza, que reforçam a ideia de submissão e cristalizam uma visão sexista do mundo.

o projeto *Igualdade também se aprende na escola*, cujo objetivo foi promover formação através de oficinas temáticas em educação não sexista, antirracista e não homofóbica para os/as professores/as de seis escolas da rede estadual de ensino de Pernambuco, visando à realização de ações que promovam mudanças das relações de gênero e raça, a desconstrução dos estereótipos sexuais e o respeito às diferenças no espaço escolar.

Para o desenvolvimento desse objetivo, utilizamos uma estratégia metodológica que se desdobrou em três momentos:

mos um seminário interno de avaliação do projeto e de intercâmbio de informações entre os professores dos quatro municípios, participantes do projeto. Durante o seminário combinamos os detalhes finais de como seriam publicadas as experiências vivenciadas pelos professores de cada escola, que estão contidas nesta publicação.

As experiências publicadas aqui foram definidas pelas(os) professoras(as) a partir das necessidades encontradas em cada contexto, portanto refletem as possibilidades e escolhas autônomas dos(as) autores(as). 

a

ação

Metodologia da Gestos na execução do projeto

HÁ MAIS DE VINTE ANOS, a Gestos desenvolve seu trabalho educativo através da pedagogia freireana e feminista, que visa, sobretudo, à construção dialógica e coletiva da aprendizagem, um compartilhar de experiências e trocas, objetivando a construção de novas vivências para mulheres e homens. A nossa ideologia e prática política perpassam não por uma hierarquização dos saberes e práticas, mas sim por relações horizontais entre educadores(as) e educandos(as). Foi através desses princípios que a nossa ação pedagógica foi realizada.

As oficinas e todo planejamento pedagógico de desenvolvimento do projeto couberam à Gestos que, ao longo do processo, enfrentou muitos desafios para conseguir implementar e executar suas atividades. Um dos principais desafios nos quais esbarramos é a ideologia conservadora, hoje, fortemente disseminada na nossa sociedade. O conservadorismo moral, ético, religioso, que tem tornado as pessoas ainda mais intolerantes às diversidades, toma, assim como em toda sociedade, o ambiente escolar, sobretudo o conservadorismo religioso, que, utilizando-se de um discurso odioso,

muitas vezes, tem contribuído para o retrocesso que enfrentamos hoje no tocante aos direitos e à liberdade de livre escolha dos indivíduos. Isso representou um dos fatores para a baixa adesão dos(as) professores(as) à nossa proposta.

Outro desafio também enfrentado foi a extensa jornada de trabalho à qual as professoras e os professores estão submetidos, impossibilitando-as de estar em espaços como os das oficinas, em virtude do cumprimento do calendário escolar.

Após a superação desses e outros obstáculos, iniciamos os trabalhos. As oficinas propostas ocorreram entre maio e setembro de 2013 e contemplaram mais de setenta professores e professoras, possuindo temáticas diversificadas.

Iniciamos pela questão de gênero, o que é gênero, as desigualdades entre mulheres e homens, sexualidade, perpassando pela violência contra as mulheres, *Lei Maria da Penha*, direitos sexuais e reprodutivos. As discussões sobre racismo nas escolas foram realizadas posteriormente pela ONG *Observatório Negro*, que tem forte atuação no combate ao racismo na cidade do Recife. E temática da homofobia foi re-traba-

lhada pelo *Centro de Combate à Homofobia*. Todas as temáticas foram facilitadas principalmente pelas educadoras sociais da Gestos.

Abarcando todo esse conteúdo, foram realizadas cinco oficinas temáticas em cada município, conduzidas através de subsídios audiovisuais, como filmes, documentários, músicas, textos e imagens. Esses recursos nos auxiliavam a chegar aos pontos mais importantes de cada tema e ilustravam, muitas vezes, o que era apresentado e debatido.

De forma geral, todas as temáticas tratadas geraram polêmicas e, em alguma medida, um desconforto natural, já que provocam reflexões quanto às concepções de gênero, padrões de comportamentos de homens e mulheres, reações diante da compreensão de conceitos como machismo e racismo, assim como a compreensão sobre a autonomia das mulheres ante as decisões reprodutivas, como, por exemplo, o aborto e o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos. O tema da violência contra as mulheres é o mais consensual e o que desperta muitas dúvidas quanto à compreensão da Lei Maria da Penha.

Indubitavelmente, tratar do tema homofobia nas escolas foi o maior dos desafios. A desconstrução dos padrões de heteronormatividade e a demonstração das diversas sexualidades humanas, a homossexualidade não como doença e as possibilidades das relações entre casais do mesmo sexo esbarravam nas concepções pessoais e religiosas, já citadas, de muitos(as) deles(as). Essas percepções da realidade representam um desafio constante nas escolas. Por exemplo: a recusa de colocar entre parênteses o nome social de uma aluna travesti na lista de chamada, a recriminação de uma aluna lésbica foram relatos feitos para nós. Em contrapartida discursos contra a homofobia e relatos de acolhimento e aceitação também estavam presentes. Professores(as), que, independente da política da escola, adotaram comportamentos

inclusivos, principalmente das travestis, quanto ao nome social e à repressão de práticas homofóbicas e lesbofóbicas dos(as) alunos(as), o que demonstrou a importância do trabalho, inclusive porque muitos(as) dos(as) professores(as) não possuíam conhecimento das várias questões levantadas, fato que dificultava qualquer ação de transformação de comportamento por parte deles(as).

Quando olhamos para trás, sentimos a importância de termos tido a chance de dialogar com professores/as para além da região metropolitana de Recife, que em geral, têm mais acesso a cursos de formação e localizam-se em áreas afastadas e rurais, como no caso de Glória

de Goitá, Bezerros e Machados. Salientamos que todos(as) eles/elas que concluíram esse projeto conosco foram partes integrantes dessa construção e sem dúvida irão dar continuidade ao trabalho nas escolas, pela relevância dos conteúdos na formação dos(as) alunos(as) enquanto cidadãos/cidadãs.

Sabemos que conseguir estar fora da sala de aula é muito difícil, mas as experiências acumuladas nos espaços como os das nossas oficinas são muito positivas, afinal, o(a) professor(a), que atua em sala de aula, não deixa em seu lar suas concepções pessoais de vida: leva-as consigo. Desconstruir estereótipos, preconceitos e (re)construir outras visões de mundo e, com isso, novas formas de vivência e convivência entre professores(as) e alunos(as) foi a grande conquista de todos/as nós que desenvolvemos esse trabalho.

Podemos, dessa forma, afirmar que nossa ação foi satisfatória. Acreditamos que a semente foi plantada, dentro dos limites que nos foram impostos, mas que ainda precisamos continuar a trilhar um longo caminho na construção de um ser humano menos violento, menos conservador, menos opressor e mais humano, inclusive, acolhedor para todas e todos. 

tratar do tema
homofobia
nas escolas foi
o maior dos desafios

Relatos *das experiências*



MUNICÍPIO	ESCOLA	TEMA
Bezerros	Municipal João Pedro dos Santos Salustiano Torres	<i>Homofobia na Escola</i> <i>Educação não Sexista</i>
Glória do Goitá	Professor Barros de Guimarães	<i>Escola sem Homofobia</i>
Machados	Intermediária Irmã Gabrielle Andasch João Barbosa de Lucena Major João de Oliveira	<i>Violência contra a Mulher</i> <i>Preto no Branco: Racismo</i> <i>Respeitos às diferenças sócio-culturais</i>
Recife	Maciel Pinheiro Rosa de Magalhães Rotary do Alto do Pascoal	<i>Diversidade cultural, racismo e homofobia</i> <i>Uma Rosa com Amor: ato contra homofobia</i> <i>Homofobia e Sociedade</i>

APENAS UMA HISTÓRIA DE AMOR



AUTORA: CHEIRO DE JASMIM



Homofobia na Escola

Coordenadora Elizabete Silva | Professora Socorro Costa

Introdução

Tivemos a oportunidade de trabalhar e orientar os nossos alunos quanto ao problema da Homofobia na Escola, para melhor nos relacionarmos e respeitarmos o outro, pois uma sociedade só muda se cada um de nós for mais humano e consciente dos nossos atos. Respeito é *pedra fundamental*. O preconceito por parte dos estudantes e professores e a falta de técnicas pedagógicas adequadas para lidar com a diversidade sexual fazem que a homofobia seja um problema recorrente nas salas de aula, já que os professores não têm uma Educação continuada e sentem-se inseguros para lidar com tal situação, principalmente quando sabem que a abordagem do assunto nas escolas pode até deixar alguns pais receosos.

Os professores precisam ter contato com seu próprio preconceito para poderem trabalhar o tema com os alunos. É necessário que o docente vivencie o assunto, e o ideal é que o trabalho seja feito em grupo, para que o educador se coloque no lugar do aluno que sofre homofobia e veja como é agressivo este ter de esconder sua orientação sexual.

Relato de experiência

Por se tratar de um tema polêmico e ao mesmo tempo difícil de trabalhar, buscamos explorá-lo de todas as formas: o que faz uma pessoa ser intolerante com outra a ponto de humilhá-la e espancá-la e as consequências geradas por esses atos. Aconteceram debates, palestras e vídeos, esclarecendo que o mais importante no nosso meio social, para que tenhamos a esperança de dias melhores, ainda é o respeito ao outro. Evidentemente que em um grupo de pessoas não temos a aceitação de 100% da turma, mas o que vimos diante de tudo que foi realizado teve grande significado, uma vez que tivemos a colaboração dos alunos, os quais pararam para nos escutar e falaram o que pensam a respeito do assunto abordado. Na primeira conversa que tivemos com a turma de alunos, eles deixaram transparecer risos e inquietações diante do tema abordado: *homossexualidade*. Convidamos uma palestrante para nos dar um apoio maior e esclarecer algumas dúvidas que surgiriam durante a palestra. No primeiro momento foi mais difícil prender a atenção da turma, todavia, ao decorrer do tempo, entrosa-

Os professores e as professoras precisam ter contato com seu próprio preconceito para poderem trabalhar o tema com as alunas e os alunos. É necessário que o docente vivencie o assunto, e o ideal é que o trabalho seja feito em grupo, para que os educadores se coloquem no lugar da pessoa que sofre homofobia e veja como é agressivo ter de esconder sua orientação sexual.

ram-se na conversa e percebemos que eles começaram a encarar o assunto com mais naturalidade. Foi feita uma exposição de cartazes na área da escola sobre a violência praticada nas ruas contra os homossexuais. Os professores também tiveram um papel importante no desenvolvimento do Projeto, pois colaboraram integralmente na realização das atividades em sala de aula, tais como histórias em quadrinhos, teatro, diálogos sobre casos reais presenciados por eles e pesquisas em jornais e na Internet sobre casos de homossexualidade no Brasil e no mundo.

Conclusão

Diante do trabalho realizado, ficou a certeza do dever cumprido e a satisfação de ver que, de alguma forma, estamos colaborando para um mundo melhor, com menos violência e mais respeito. Vivemos em uma sociedade problemática e, se não enfrentarmos esses problemas, nunca encontraremos as soluções. Estamos acostumados a criticar os outros, mas não prontos para receber críticas, daí a necessidade da formação de alunos conscientes dos seus atos, já que, se queremos uma sociedade diferente, devemos começar a construí-la a partir de nós mesmos. 

e

Educação não sexista

Michelli Paixão | Eduardo Felipe de Oliveira

Introdução

A Escola Municipal Salustiano Torres desenvolveu de forma sucinta um trabalho pedagógico voltado para o tema *Educação não sexista*, com os jovens do 6º ao 9º ano, com o objetivo de informar, conscientizar e eliminar as desigualdades entre sexos, a fim de atenuar preconceitos ainda existentes em nossa sociedade.

A Educação não sexista é um processo reflexivo que permite um novo olhar diante das dificuldades de conscientização dos nossos jovens, que muitas vezes se fecham no preconceito; não admitem, assim, outras opiniões, discussões e experiências, rotulando sempre seus colegas e demais membros da sociedade. Torna-se necessário, pois, construir novas relações pessoais e sociais.

Relato de experiência

O trabalho teve início com um debate coletivo por meio do tema *Sexismo em multimídia*, com a palestrante Lurdinha, enfermeira chefe do posto de saúde da comunidade do Sítio dos Remédios, com excelente oratória em diversas palestras já realizadas. Conseguiu chamar atenção dos nossos jovens na escola. Sua fundamentação foi da maior importância para esclarecimento de dúvidas diante o tema e para a conscientização entre os jovens de que há uma grande diversidade de expressões da sexualidade e que devemos aceitá-la sem discriminação ou violência, reconhecendo uma educação livre de preconceitos.

Em seguida as turmas assistiram ao filme *Se Eu Fosse Você*, que aborda questões como a

A Educação não sexista é um processo reflexivo que permite um novo olhar diante das dificuldades de conscientização dos nossos jovens, que muitas vezes se fecham no preconceito; não admitem, assim, outras opiniões, discussões e experiências, rotulando sempre seus colegas e demais membros da sociedade.

troca de papéis entre os sexos masculino e feminino e sua relação social, o que proporcionou debates em sala e o prosseguimento das atividades: uma dinâmica que envolveu atividades praticadas geralmente por homens e outras praticadas por mulheres, realizando uma troca de papéis e enfatizando as diferenças entre os sexos; o preconceito de achar que apenas os homens conseguem realizar certas atividades ou ter posição social em certos cargos que ocupam (contrariamente, na maioria das vezes, são as mulheres que desempenham um excelente papel, por exemplo, em cargos de chefia de empresas de grande porte).

E diante de tudo o que foi vivenciado e trabalhado sobre sexismo, os nossos jovens realizaram uma produção textual bastante significativa em relação ao preconceito, mudanças de atitudes e discriminação. A reação dos alunos foi bastante produtiva, pois participaram ativamente de todas as atividades realizadas durante o dia. Mostraram através de suas palavras na redação algumas mudanças de pen-

samentos e opiniões que antes tinham em relação ao sexismo, e todos sentimos que fizemos a nossa parte, conscientizando os nossos jovens não só através de pequenos gestos, mas de grandes conquistas. Toda a direção escolar e os professores perceberam no decorrer dos dias que o trabalho realizado minimizou certos preconceitos em alguns alunos, e talvez no futuro colheremos mais frutos desse trabalho. Os professores receberam a carga maior, já que têm o poder de formar sujeitos solidários(as), respeitosos(as), em relação à diversidade social e conscientes do que é antissexismo.

Conclusão

Como sabemos as inúmeras dificuldades encontradas e refletidas nas ações dos nossos alunos, muitas vezes, surge do próprio ambiente familiar. Impor barreiras e limites para os nossos jovens não é a solução. É necessário buscar formas mais eficazes para reverter esse quadro discriminatório. 



Escola sem homofobia

Rozélia de Oliveira Farias | Danilo Figueredo do Nascimento | Edvaldo Pedro da Silva

Introdução

Este relato baseia-se nas experiências vivenciadas na Escola de Referência Professor Barros Guimarães a partir de encontros sistemáticos promovidos pela ONG Gestos, em parceria com as secretarias de educação estadual e municipal. Nos encontros foram discutidos vários temas, como Racismo, Direitos das Mulheres e Homofobia, através de debates, reflexões a partir de leituras de textos, palestras com autoridades no assunto, dinâmicas, relatos e oficinas, coordenados por Juliana Cesar e Cecília Cuentro. Dentre os temas abordados sentimos necessidade de desenvolver um projeto interdisciplinar: *Escola sem homofobia*, uma vez que a violência contra os homossexuais vem-se alastrando cada vez mais. Esse projeto, cujo intento é produzir multiplicadores que divulguem e defendam os direitos dos homossexuais, tem como objetivo evitar que a escola seja cúmplice de atos homofóbicos.

Relato da experiência

Após participarmos dos encontros com a ONG Gestos, reunimo-nos na escola com toda a equipe de educadores e apresentamos a proposta do projeto *Escola sem homofobia*, que foi aceita pelos professores de Filosofia, Português e Educação Física, uma vez que o tema já vinha sendo trabalhado, mas apenas nas aulas de Direitos Humanos. Em princípio levamos dicionários para sala de aula para que os alunos pesquisassem o significado da palavra homofobia; em seguida colhemos o que eles já sabiam sobre o tema e promovemos leituras de textos como *O discurso de ódio fundamentalista começa a colher frutos no Brasil*, de Marcelo Gerald, postado por *Eleições Hoje*, em 1º de agosto de 2013, a PLC122 (A necessidade de aprovação do PLC122 – Eli Vieira, postado em 18 de setembro de 2013) e o texto da revista *Mundo Jovem Homofobia na Escola: desafio de todos nós*. Assistimos aos vídeos HD *Meninos de Rosa, Meninas de Azul (Homofobia e Bullying homofóbico)*, documentá-

O medo de ser identificado como gay
É considerado homofobia social
Sendo vítima do preconceito
O gay é tratado como animal
Sem direito de ser feliz
Na sua vida íntima, pessoal

Alguns gays fingem-se de hétero
Para serem aceitos na sociedade
Assim, acabam abrindo mão
De sua verdadeira felicidade
Alguns se matam ou se mutilam
Rendendo-se à amarga sociedade



Conclusão

rio idealizado por Danilo César Francisco e Vinícius Kairalla e *Ser gay na família brasileira – Profissão Repórter e A História da Homossexualidade*, postado por Safira Lima no Youtube. Após os vídeos promovemos um debate sobre aquilo a que assistiram. Em seguida dividimos a turma em grupos nos quais eles realizaram as seguintes atividades sobre o tema: júri simulado, um teatro, um jornalzinho e poesias. Nas aulas de Educação Física houve discussão de textos sobre a determinação cultural do que é atividade física de homem e do que é de mulher. Nas atividades práticas, foi quebrado esse paradigma, e trabalharam de forma mista o futsal e a dança, entre outros. Esse projeto teve a duração de dois meses. Todas as atividades foram realizadas com estudantes dos segundo e terceiro anos do Ensino Médio.

O projeto teve uma ótima aceitação dos alunos, mostraram-se aptos a serem multiplicadores na luta incessante frente a esse problema social em questão, pois passaram a ter um olhar diferente diante dos casais homoafetivos. Pudemos constatar isso na seriedade com que apresentaram seus trabalhos. Como ponto negativo, tivemos, infelizmente, a rejeição de alguns professores em trabalhar esse tema. Daremos continuidade aos trabalhos durante o próximo ano, contemplando outras turmas que não estavam envolvidas nesse primeiro momento.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2005.
[HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/RESULTS?SEARCH_QUERY=meninos+de+rosa&sm=3](http://www.youtube.com/results?search_query=meninos+de+rosa&sm=3)
[HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/RESULTS?SEARCH_QUERY=a+historia+da+homossexualidade&sm=3](http://www.youtube.com/results?search_query=a+historia+da+homossexualidade&sm=3)



Violência contra a mulher

Marinalda Maria | Maria Edna | Wilma Salviano | Maria Paulino | Maria de Lourdes | Kérsia Maranhão

Introdução

Atualmente vem crescendo o índice de mulheres denunciando que sofrem maus tratos de seus companheiros em nossa sociedade, o que se caracteriza como um ato de violência. Para alguns, isso é visto como algo natural.

A agressão às mulheres vem crescendo cada dia mais e no Brasil acontece sempre com várias pessoas, tanto da classe social alta como da baixa. Muitas vezes essa brutalidade é tratada sem que ninguém saiba, principalmente com pessoas famosas, para não perderem seu prestígio diante do meio social.

Diante dessas circunstâncias observamos que a escola é o espaço essencial e fundamental na vida de muitas crianças. É lá onde se pode orientar seus pais e impedir que ocorram atos de violência em suas casas.

Relato de experiências

Ao iniciarmos esta pesquisa, cujo tema foi violência contra a mulher, nosso objetivo foi mostrar a importância da conquista da mulher na sociedade em que vivemos, defendendo os direitos adquiridos e conquistados a partir das leis estabelecidas para todas, podendo assim transformar o mundo e não serem escravas da sociedade e dos seus companheiros. Saberão assim exercer seus direitos e deveres diante da sociedade.

Nós, da escola intermediária Irmã Gabrielle Andasch, detectamos a necessidade da abordagem desse tema, porque nossos alunos sentiam-se curiosos e sem argumentos para debater. Dúvida, medo e incerteza foram os estímulos iniciais para o trabalho. Analisando essas dificuldades, o nosso tema foi elaborado

a fim de esclarecer as dúvidas, na escola e, principalmente, diante das famílias.

O projeto violência contra a mulher foi desenvolvido no período de 03 a 25 de novembro de 2013 por professores e alunos em sala de aula e atividades extras.

Ao desenvolver o trabalho em sala de aula, houve, de princípio, uma pesquisa envolvendo o conteúdo abordado, que seria apresentado aos alunos. Mostrou-se de forma clara e objetiva a importância da mulher na sociedade diante da lei *Maria da Penha*, narando-se aos educandos a história de vida de Maria da Penha, para que eles se conscientizassem e ficassem conhecendo as origens da lei em debate.

Depois dessa apresentação, para melhor compreensão, houve uma palestra com a coordenadora da Coordenação da Mulher, que apresentou, de forma clara, objetiva e enfática, o direito das mulheres, levando-os a crer que a violência contra as mulheres é crime, e isso não pode ficar sem ser denunciado. Contou o caso de Maria da Penha e como sua vida diante da sociedade com seu esposo e o motivo de ter ficado deficiente. Aportou também as várias formas de ser livre dos maus tratos dos maridos e de como saber se defender por meio da lei. Em seguida os alunos questionaram seu discurso tirando dúvidas e até experiências vividas dentro de suas casas, nas quais inclusive estavam buscando soluções para resolver conflitos semelhantes.

Trabalhou-se com os alunos gráficos mostrando a porcentagem de mulheres que sofrem violência na sociedade e também gravuras de pessoas famosas que sofreram violência. Eles mesmos confeccionam cartazes.

Em outro momento os alunos trabalharam a música *rosas* e confeccionaram um álbum ilustrado; depois de ouvir a melodia, fizeram

uma peça teatral retratando a violência contra a mulher.

As turmas do 9º ano construíram paródias a serem apresentadas aos alunos da escola. A apresentação foi realizada numa forma dinâmica e lúdica com o intuito de conscientizar as pessoas contra este tipo de violência.

As turmas de 7ª série assistiram a filmes que retratavam a violência e em seguida construíram questionários através da situação vivenciada.

*A vida é para ser vivida
Os sonhos para serem realizados
Só de realidades se faz a vida
Pois é da vida que se alimenta a morte
Viva intensamente
Acredite na sua sorte!*

Maria da Penha

Conclusões

Enfim, como diz a própria Maria da Penha, viva intensamente e aproveite cada momento, buscando sempre seus sonhos e suas conquistas para que ambos sejam alcançados; não viver de sofrimentos e incertezas, e sim de felicidades.

Concluimos que no Brasil ainda existem pessoas com medo de denunciar e continuam sofrendo maus tratos, mas através deste projeto nossos alunos estiveram conscientes dos valores que a mulher tem diante da sociedade e seus direitos. Podem agora buscá-los a qualquer momento em que forem atingidas pelos seus companheiros. Tornaram-se, em suma, conhecedores da lei *Maria da Penha* e do disque-denúncia. 



Preto no Branco

Geysa Maria | Lidiane Alyne | Marcelo Manoel | Raquel Cavalcante

Introdução

Embora no Brasil haja uma forte mistura de raças, a incidência de racismo pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Em alguns casos, o racismo ocorre de forma sutil em que nem é percebido pelas pessoas. O racismo pode ser contra negros, asiáticos, índios, e por terem uma história mais sofrida de preconceito, os negros são a principal referência quando é discutido o tema racismo.

A escola é o espaço onde a consciência sobre a questão racial deve ser primordialmente trabalhada, para que se possível, a democracia neste país possa deixar de ser um mito e passe a ser realidade. Nosso município fica próximo da área canavieira dos antigos engenhos e é forte a presença de pessoas de origem afro.

Por essa razão a EJA – *educação de jovens e adultos* – da Escola João Barbosa de Lucena sentiu a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para o conhecimento, reconhecimento

e valorização do negro e para diminuir o racismo. O *Preto no Branco* objetivou conhecer a história dos negros no Brasil, e valorizando-os como sujeitos, desde o período colonial até a atualidade buscando reduzir os índices de preconceito e discriminação racial dentro e fora do contexto escolar, despertando no educando da EJA a consciência de que o ser humano deve ser respeitado independente da religião, nacionalidade ou cor da pele.

Relato da experiência

O projeto Preto no Branco foi desenvolvido no período de 20 de Outubro à 19 de Novembro do ano de 2013 com alunos e alunas dos três níveis do EJA. Iniciado os trabalhos com a dinâmica de grupo: *Encontre a letra R A C I S M O*, onde os grupos com sete alunos tinham que descobrir qual palavra forma e posteriormente falar sobre o tema racismo. Após esta descontração iniciou-se a palestra abordando todos os tipos de racismo, e para finalizar abriu-se espaço para

discursões e perguntas.

No outro momento os alunos tiveram a oportunidade de assistir ao vídeo *Vista Minha Pele* que retratava um tipo de racismo pouco evidenciado na sociedade, pois as pessoas que sofriam por serem diferentes do grupo tinham pele clara e por esta razão não eram aceitas pela comunidade negra da qual faziam parte.

Foi desenvolvida pelos alunos uma peça teatral com fantoches, cujo tema foi: *O negro no trabalho* mostrando como é difícil para o negro se destacar pelo talento numa empresa onde a maioria dos funcionários é branca ou não negra.

Para conclusão do projeto, optamos por um questionário contendo cinco perguntas objetivas as quais foram analisadas em gráfico. Quando se perguntou na primeira questão qual cor o aluno se considera: 38% deles se consideraram morenos, 28% responderam serem brancos, 14% serem pardos, outros 14% são negros e o restante não sabem diferir sua cor. Quando se quis saber se as leis no Brasil punem quem age com ato racista, 45% deles responderam que sim e 35% falaram que não, 17% não sabe se funciona e 3% disse que em alguns casos sim.

Ao indagar qual país é mais racista, 75% dos alunos responderam ser o Brasil, 18% acreditam ser a África e 7% não souberam responder. Quando se quis saber se o aluno já sofreu algum tipo de discriminação racista, 59% deles responderam ter passado por situação racista, 41% nunca vivenciaram esta situação. E na última pergunta, quando se afirmou que as pessoas negras se declaram morenas porque dessa forma sofrerão menos preconceito, 62% concordaram 31% discordaram e 7% dos alunos não souberam responder.

Conclusão

Contudo conclui-se que o racismo ainda está presente de forma significativa em todos os campos da sociedade. Mas é a escola é um dos mecanismos de mudança para a formação de cidadãos conscientes de sua cor para a formação do povo brasileiro. Conhecer um pouco sobre o negro fez a EJA da Escola Joao Barbosa de Lucena refletir sobre os acontecimentos que levaram ao preconceito, discriminação e racismo sofrido pelos seus antepassados e presente até os dias atuais. 🌀













Recife | Seminário de avaliação geral do projeto, compartilhando experiências.









VIOLENCIA CONTRA A MULHER





Respeito às diferenças socioculturais

Alexsandra Paixão | Dayana Araújo | Ednalva Thamirys | Elaine Cristina | Hermana Santana | Júlio César
Maria Luíza | Maurílio Gonçalves | Miriam Mirtis | Taciana Queiroz

Introdução

Tendo em vista o desejo de conscientizar os educandos acerca da importância de se respeitarem, aceitarem-se e relacionarem-se com indivíduos com o quais convivemos, percebeu-se a real necessidade de aplicar, vivenciar e colher frutos com base no tema *Respeito às diferenças socioculturais*.

Sem dúvida, é preciso entender, afirmar e analisar tal experiência, a fim de reconhecer limites e possibilidades das formas culturais e sociais, por meio das quais estudantes aprendam a definir a si próprios, engajar suas experiências e suas práticas para a transformação social de si mesmos.

Em virtude do mundo multicultural em que vivemos e que apresenta reflexos dessa diversidade no âmbito social, que pode ser vista na escola, igreja dentre outros, torna-se imprescindível uma base esclarecedora que desperte a valorização e o respeito com princípios de igualdade, tolerância e cidadania. A implementação desse projeto, realizado numa Escola da Rede Pública Municipal de Ensino, visa pri-

mordialmente trabalhar as questões correlatas ao tema com subtemáticas como racismo, higiene e *bullying*, para que nossas crianças e outros envolvidos indiretamente com esses problemas possam conhecer de modo correto os temas abordados e fazer uso na prática diária, com atitudes, ações e consciências positivas.

O relato da experiência

Vivemos em um mundo no qual a globalização toma conta de nossas vidas, entretanto, atentamos para um crescimento da padronização e uniformização sócio-culturais. De certo, há interesses econômicos e políticos que forcem uma normatização e estabilidade de valores políticos, sociais, econômicos e culturais.

No entanto, há diferenças de gestos, culturas, modos de falar e entender que continuam a marcar a diferença no mundo todo, gerando dúvidas e ao mesmo tempo rejeições.

É justamente nesse mundo que o multiculturalismo é o denominador comum dos movimentos atuais em direção à democracia da educação. Isso nos leva a crer que não podere-

mos jamais manter culturalmente homogênea uma turma de alunos, mas, necessariamente, considerar e respeitar as diferenças existentes.

As divergências culturais estão presentes em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, nacionais ou internacionais, ricas ou pobres. Em nosso município não é diferente. Os tipos encontrados em nossa escola são identificados por:

raça | Mais da metade dos alunos estão incluídos como não-brancos.

classe social | Quem frequenta nossa escola é da classe baixa (pobre).

SEXO | O feminino se sobressai em relação ao masculino.

idade | A faixa etária dos alunos em relação às séries é bastante elevada.

O reconhecimento das diferenças culturais caminha no sentido oposto a dois outros importantes objetivos da educação: a constituição de uma identidade nacional e o respeito aos direitos humanos, ambos vinculados aos valores universais, válidos para todos os seres humanos em todas as épocas.

O trabalho realizado com pesquisas e aulas práticas desenvolveu-se na Escola Municipal Major João Marques de Oliveira – EMJMO – situada na Rua Governador Paulo Guerra, Nº 40, Centro no município de Machados (pequena cidade do agreste pernambucano). É a maior instituição do município que atende uma demanda elevada de educandos. Oferece o ensino Fundamental do 5º ano no período matutino, em funcionamento das 7h30min às 11h35min, assim como as séries finais – 6º ao 9º ano nos períodos matutino e vespertino, este das 13h00 às 17h05.

Esse estabelecimento escolar apresenta um histórico bastante acentuado para uma proposta de intervenção nas questões abordadas de

cunho racista, hábitos higiênicos e a práticas de *bullying* nas salas de aula e fora delas. As turmas envolvidas correspondiam a um público de crianças e adolescentes advindos da comunidade local, muitos com famílias com histórico conturbado de vida. Pudemos perceber que, de modo direto ou indireto, tudo isso interferia na aprendizagem dos discentes na Escola. Para tanto, estruturamos um projeto de intervenção nessa realidade para que perspectivas esperanças e construtivas sejam acrescidas ao futuro de cada um dos educandos.

O vigente projeto envolveu turmas do Ensino Fundamental – séries finais dos 6º anos, 6ª séries, 7ª séries e 8ª séries envolvidas em atividades diversificadas durante o período de 29 de outubro a 22 de novembro, o que corresponde a quatro semanas. As ações realizadas durante o projeto visaram modificar as realidades existentes na escola, proporcionando uma mudança com respeito às raças, gênero e classes sociais.

Inicialmente realizamos a construção de conceitos vinculados ao tema mediante o trabalho com pesquisa. Os debates em sala fortaleceram as temáticas, explanações, explicações, realização de questionamentos orais e escritos, exposição áudio visual, confecção de materiais diversos.

Mediante aulas teóricas e práticas, desenvolvemos atividades de cunho educativo e esclarecedor das questões postas em estudo referentes às temáticas. Levantamento de dados, debates, explanações gerais, encenações, exibição de vídeos, filmes e documentários, apreciação e estudos de canções, leitura de cordel, palestras com convidados da comunidade, apresentação de danças e paródias. Os resultados foram muito satisfatórios tanto para os idealizadores quanto para os discentes, no seu desenvolvimento pessoal, intelectual, cultural e social.

Bullying não em graça

A temática *Bullying na escola: uma ameaça à dignidade humana* visou estimular o respeito às diferenças dentro e fora do âmbito escolar.

Segundo a psicóloga Vera Miranda, Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência, as grandes aprendizagens do ser humano ocorrem em meio a dois contextos básicos: a família e a escola. Nessas duas esferas de socialização e aprendizagem, a criança vive relações verticais — com os pais e professores — e horizontais — com irmãos e colegas, que possuem igual poder e estão no mesmo nível de hierarquia. Nessas circunstâncias, percebemos a importância que temos, como educadores/as, no papel social junto a essas crianças, mesmo porque a família, muitas vezes, não tem estrutura para manter um diálogo aberto e adequado sobre temas que envolvem preconceitos já tão arraigados na nossa sociedade.

Muitas vezes, deparamo-nos com agressões gratuitas de puro preconceito, intolerância e desafeto entre crianças e jovens da nossa comunidade educativa. Nesses momentos, devemos manter um trabalho de sensibilização deles, a fim de combater esse tipo de comportamento que, muitas vezes, tem como pano de fundo a falta de informação. Silenciar não é uma atitude coerente com a prática educativa, democrática e saudável. O trabalho interdisciplinar e a preocupação com a formação da cidadania colocam em discussão as diferentes relações de gênero, raça, etnia e toda e qualquer desigualdade que ocorra no dia a dia escolar. Nesse contexto, o papel do professor, em união à direção escolar, aos funcionários e aos demais membros da comunidade educativa, é de fundamental importância para a construção de uma escola, na qual haja respeito e dignidade entre todos.

As ações se pautaram em pesquisa, seleção e exploração de vários materiais relacionados ao tema central e pertinentes ao projeto, como:

1. Leitura, compreensão e debates envolvendo textos informativos;
2. Uso de filmes, entrevistas e documentos em DVD;
3. Uso da Internet para pesquisa em multimídia;
4. Produção de texto;
5. Construção de paródias.

Estas atividades foram estrategicamente elencadas para serem vivenciadas assim:

Realizar uma investigação de forma natural e espontânea para reconhecer a experiência e saber o que pensam os alunos sobre o tema;

Pesquisar e selecionar textos sobre o tema a ser desenvolvido no projeto;

Trocar ideias com a direção da escola, com os professores e outros funcionários sobre o objetivo do projeto;

Sensibilizar os alunos através das aulas, roda de diálogos, palestras e dos filmes;

Estimular a leitura de textos sobre o tema;

Criar condições para a participação efetiva dos alunos;

Realizar atividades artísticas para a apresentação de peças teatrais e outras atividades relacionadas ao tema do projeto;

Formar grupos para debater o tema em sala de aula, salas temáticas ou em outro espaço previamente estabelecido;

Registrar os avanços proporcionados no dia a dia da escola durante a vigência do projeto;

Avaliar mudanças de comportamento de todos os que formam nossa comunidade educativa;

Respeitar a inclusão de alunos especiais;

Adequar o projeto ao currículo de cada disciplina;

Valorizar atitudes e gestos de educação e sensibilidade dos alunos que contribuem para uma escola mais solidária e que aceitam as diferenças.

n Negras mãos na construção do Brasil

O RACISMO DISFARÇADO AINDA É a forma mais clara de discriminação na sociedade brasileira. Apesar de não admitir, o brasileiro tem preconceito. O negro por se colocado à margem da sociedade, acaba sendo associado a essa imagem de bandido. E esse preconceito está ligado à visão do branco, historicamente racista desde a época moderna com a ação da cristandade de que ser negro associava-se à peste negra, ao mal, ao medo e ao escuro. Tudo isto se perpetuou no decorrer dos anos.

O brasileiro tem dificuldade em assumir o seu racismo devido ao processo de "convivência cordial" que distorce o conflito. A discriminação racial está espalhada pelo Brasil. Escola e mídia apresentam um modelo branco de valorização. O acesso aos espaços políticos, aos bens sociais, à produção do pensamento, a riqueza; tem sido determinado pela lógica escravocrata. O espaço do negro é reduzido, é discriminado e não é reconhecido em suas atividades. Segundo a antropóloga Valente (1994, p. 50), *O negro não pode ser bom; ele deve ser o melhor. Se isso não ocorre, abre-se um precedente para práticas de preconceito e discriminação racial.*

Tratando especialmente do mercado de trabalho, inúmeras são as atitudes racistas que acabam dificultando a inserção do negro em áreas que exigem maior especialização. A exigência de *boa aparência*, a ocupação de cargos

inferiores, a remuneração diferenciada do negro em relação ao branco nos mesmos cargos, a violência física (que chega a ocorrer em alguns casos), tudo pode ser atrelado ao que Valente (1994, p. 50) afirma: "O pedido de fotografia nos anúncios de emprego podem ser traduzidos também como: não deve ser negro." E são exemplos nítidos e problemáticos de nossa realidade moderna. Iniciativas para diminuir e extinguir o racismo são necessárias para a sociedade brasileira, principalmente do auxílio da escola, mídia e universidade.

Entretanto as narrativas de humilhação e dificuldades entram em choque com o fato concreto que é a presença e importância fundamental dos negros e seus descendentes na cultura e nas artes brasileiras. Nesse enfoque o psicanalista Cury: *Nos bastidores da nossa inteligência somos mais iguais do que imaginamos.* (2003, p. 14).

O preconceito está sempre maltratando alguém. As piadinhas, que são muitas, traduzem que os negros na sociedade brasileira não são respeitados. São considerados *ignorantes, raça inferior, sujos, perigosos*. A discriminação dá-se de duas formas: direta e indireta. Diz-se por discriminação direta a doação de regras gerais que estabelecem distinções através de proibições. É o preconceito expresso de maneira explícita como a proibição ou tratamento desigual

a um indivíduo ou grupo que poderia ter os mesmos direitos e são negados. A discriminação indireta está internamente relacionada com situações aparentemente neutras, mas que criam desigualdades em relação ao outro. Esta última maneira de preconceito é a mais comum no Brasil. Dessa forma Freire salienta que:

A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades... em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagogia da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez.
(1996, p. 36)

Nessa perspectiva, a Constituição Federal de 1988 tornou a prática do racismo sujeito a pena, inafiançável e imprescritível. Mas a legislação brasileira já definia desde 1951 com a Lei Afonso Arinos (Lei 1.390/51), os primeiros conceitos de racismo, apesar de não classificar como crime e sim como contravenção penal (ato delituoso de menor gravidade que o crime). Os agitados tempos da regência, na década de 1930, assinalam o anti-racismo no seu nascedouro quando uma primeira geração de brasileiros negros ilustrados dedicou-se a denunciar o *preconceito de cor* em jornais específicos de luta – a *imprensa mulata* – repudiando o reconhecimento público das *raças* e reivindicando a concretização dos direitos de cidadania já contemplados pela Constituição de 1824.

A tolerância e o respeito às diferenças são alguns pressupostos à inclusão do negro na sociedade. A transformação de nossa sociedade exige uma luta árdua em várias frentes. Nenhuma frente é mais ou menos importante do que a outra, já que todas são necessárias. Contudo, o que está na raiz dos problemas é a forma de os homens se relacionarem no trabalho e na vida social. Nem todos têm acesso à riqueza produzida, que é a garantia de vida.

A prática mostra que a educação e lei, no Brasil, não são acessíveis a todos. Na teoria temos a igualdade de direito e oportunidades à educação, saúde, ao trabalho, enfim, à cidadania. Mas na prática temos cidadãos de primeira e de segunda categoria, cujo acesso aos direitos é diferenciado; aqueles que têm significativos recursos materiais, como dinheiro, e recursos espirituais ou culturais, como uma boa educação, recebem um tratamento mais igualitário do que aqueles que dispõem de apenas um pouco ou nenhum desses recursos. Portanto, a igualdade não existe na prática. ☪

“A luta contra a discriminação racial é uma luta de todos nós brasileiros, de todos nós cidadãos, porque é uma luta pelo resgate da cultura brasileira, já que a nossa cultura é formada também por todos esses elementos que constituem a cultura brasileira... contribuindo para o desenvolvimento intelectual e social de toda a sociedade e para a nossa própria humanização.” (Milton Santos, 2007, p. 30)

O racismo disfarçado ainda é a forma mais clara de discriminação na sociedade brasileira. Apesar de não admitir, o brasileiro tem preconceito. O negro por se colocado à margem da sociedade, acaba sendo associado a essa imagem de bandido.

Mês	Dia	Atividade desenvolvida
Novembro	4	Sondagens; abordagem inicial da temática; consulta a materiais de apoio; início da confecção do Álbum Seriado, produções coletivas e individuais.
	11	Atividades diversificadas (Análise de músicas, textos, criação de cordéis, paródias, estudos, dramatização).
	18	Organização das apresentações e exposições de materiais da culminância.
	21	Culminância 1ª Parte (Abertura / Apresentação de danças: Música Elejibô – Grupo Araketu e Dança Africana; e Capoeira – Grupo da Comunidade e alunos envolvidos.
	22	Culminância 2ª Parte (Apresentações em sala personalizada – Abertura inicial, montagem do slogan com leitura de cordel, formando o nome NEGRO com explanação do recorte histórico dos afro-descendentes, dança Pérola Negra, musical oral Black Broder, explanação do Patrimônio Cultural Brasileiro: a Capoeira e demonstração da dança por grupo convidado da comunidade e encerramento com exposição dos stands).

Culminância

Mediante a vivência das ações, se fez necessário a culminância visando uma amostragem através de exposições e apresentações em salas personalizadas de acordo com as temáticas abordadas, as quais os próprios alunos demonstraram um ótimo desempenho posterior às realizações, estas explanadas e vivenciadas pelos próprios alunos.

- Literatura de cordel
- Paródia
- Dramatizações
- Apresentações de danças
- Exposição de stands

Contamos com a presença da comunidade local, secretarias e escolas das redes públicas municipal, estadual e privada. E pudemos concluir que as temáticas levantadas conseguiram despertar a consciência para uma reflexão de posicionamentos sociais de caráter estereotipado e segregativo por parte do próprio grupo escolar envolvido.

Conclusão

Tendo como base o tema: *Respeito às diferenças socioculturais*, nós, professores responsáveis, reunimos um amplo acervo de atividades e conteúdos relacionados ao tema supracitado, que enfatizou a sociedade em que vivemos.

No decorrer do projeto foi possível perceber a real dificuldade do educando em se relacionar com o mundo em que vive até mesmo do próprio campo escolar em aceitar a realidade existente.

Com esse tema atingimos nossos objetivos, com a certeza de que não foi tarefa fácil, mas que com o empenho e a participação de todo o alunado e coordenação pedagógica foi possível atender as necessidades por eles apresentadas por meio de atividades que só tornaram vínculos de uma aprendizagem significativa e construtiva.

Trabalhar questões correlatas às diferenças socioculturais representou uma mudança significativa no cotidiano dos educandos em sala de aula e em sua vida cotidiana. Consciências adormecidas e até mesmo erroneamente trabalhadas sobre os temas puderam ser modificadas ou, pelo menos, mostradas sob outra face, a de um ser humano ético, respeitoso e cidadão atuante numa sociedade multicultural e carente de mentes com princípios de igualdade, respeito e solidariedade com os outros. 

Referências

ABRAMOVAY, M. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. 2 ed. Brasília: RITLA, SEEDE-DF, 2010;
ARTIGO REVISTA: Mundo Jovem. Nº 382, novembro, 2007;
ARTIGO REVISTA: *Não ao preconceito. Nova Escola*, nº 199, Janeiro/Fevereiro, 2007;
CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. 2ª ed. Brasília, DF: UNESCO, 2004;
CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003;

JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. v. 32. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009;
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. 10 – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. 1ª a 4ª Série. I Título/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília;
VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser negro no Brasil hoje*. 16ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.



Diversidade cultural, racismo e homofobia

Trabalhando a cultura afro-brasileira e a Lei 10639/03 e situações de homofobia em sala de aula
Luciene Viana Santos | Andrea Vasconcelos da Silva

Introdução

Esta experiência foi realizada no ano de 2013 com três turmas de 8º. Anos, uma turma de 7º ano e uma turma de 6º ano, turno da manhã, do ensino Fundamental I, da Escola Estadual Maciel Pinheiro. No turno da tarde, alunos do 6º, 8º e 9º anos também participaram de algumas atividades relacionadas ao tema. Essas atividades tiveram o objetivo de proporcionar uma ampliação dos níveis de prática e conhecimento de assuntos diversos referentes ao dia da Consciência Negra, que já eram trabalhados por toda a comunidade escolar, além de situações de homofobia presentes na escola. Neste ano tivemos a colaboração da ONG Gestos, que nos orientou com conteúdos sobre Gênero e Educação não sexista e antirracista e não homofóbica, educação sem racismo, discriminação, direitos sexuais e reprodutivos e violência contra a mulher.

Pensar e desenvolver um trabalho voltado para esse fim justifica-se pela necessidade de proporcionar aos educandos condições de usufruírem os seus direitos e deveres como cida-

dãos, ampliar seu universo de conhecimentos com informações para que eles possam ter uma visão de mundo que cada um pode ter. A experiência procurou levar os alunos a fazerem associações que lhes permitam um desenvolvimento crítico que se deve ter ao se analisar qualquer tipo de situação discriminatória. Não se pode pensar que tudo são verdades absolutas: podemos concordar ou discordar de certas opiniões.

Contextualização

A experiência se desenvolveu em uma escola da área urbana da cidade do Recife composta de filhos de domésticas, trabalhadores do comércio local, de filhos de operários das fábricas da região, trabalhadores de cooperativas com produtos recicláveis e também filhos de famílias, cujo poder aquisitivo é bastante baixo. Funcionam na escola no período da manhã 08 salas de aula das séries iniciais do Ensino fundamental I e uma sala de Ensino Especial, pela manhã e pela tarde. No turno da noite as salas são ocupadas por alunos do *Projeto Travessia* no nível

fundamental. Há uma quadra, um refeitório, uma *Central de Tecnologia*, uma biblioteca, uma sala dos professores e uma sala de depósito da merenda escolar.

A maioria dos alunos não tem acesso de forma regular a bens culturais, com exceção dos proporcionados pela escola, não vão ao teatro e ao cinema; seu lazer se resume a jogos de futebol na quadra que há na praça em frente à escola.

Relato de experiência

Nosso objetivo principal nessas atividades foi de trabalhar a questão da diversidade com sujeitos historicamente excluídos como um novo paradigma com base na inclusão de todos os estudantes. Objetivamos repassar os conhecimentos curriculares nas relações cotidianas, nos gestos, no discurso, nas atitudes, para que os alunos desenvolvam e adquiram valores considerados como campos de atuação que dão sentido e materialidade aos conhecimentos e informações para suas vidas.

O presente trabalho apresenta o relato de experiência de uma atividade do projeto Pedagógico da nossa escola. Objetivamos descrever as atividades docentes desenvolvidas na Semana da Consciência Negra na Escola Estadual Maciel Pinheiro, que fica localizada no bairro da Torre, no Recife.

Vamos descrever a metodologia de trabalho, que se compôs de algumas atividades sugeridas por professores, professoras e estudantes que contemplavam a temática que envolve a cultura africana e afro-brasileira, na Lei 10.639/03, e a temática da homofobia.

As atividades foram realizadas pelos alunos de algumas turmas, inclusive em turmas em que nem mesmo nós lecionávamos, mas, devido à procura dos alunos do 6º ano, do turno da tarde, acabamos por orientá-los.

Considera-se que as atividades desenvolvidas nessa proposta se constituíram como fonte de conhecimento teórico-prático para as professoras novatas, os recém-contratados e para os alunos antigos e novatos que chegaram naquele ano na escola.

Atividades propostas

1. Fizemos a exposição dos filmes: *Mandela: luta pela liberdade*, *Kiriku e a feiticeira I e II*, *Quilombo*, o documentário *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, *Vista minha pele, Medo de quê? Homens de Honra*, entre outros, para que eles conhecessem a história, pensassem sobre coisas que eles observaram e fizessem seus questionamentos;
2. Apresentação de danças de raiz afro e afro-brasileiras: samba, hip hop, a dança dos orixás, lundu, waka waka, capoeira etc. Com orientação das professoras de Educação Física, Mônica e Andreia Mascaro.
3. Aulas de arte, nas quais exploramos a pintura de paisagens e máscaras africanas, a confecção de bonecas africanas com jornal, produção de máscaras africanas em kirigami – corte e dobradura – e pintura de máscaras em papel já modeladas;
4. Apresentação de cordel sobre a vida de Zumbi dos Palmares;
5. Exposição da peça teatral *Uma família diferente* sobre homofobia;
6. Produção de textos e cartazes educativos para dizer não à discriminação e à homofobia;
7. Debate oral com situações-problema para serem discutidas em grupo e apresentação de possíveis soluções;
8. Produção de mandalas africanas nas aulas de artes;
9. Declamação do poema *Navio Negreiro* em ritmo de *hip hop*;
10. Palestra com o convidado Edson Axé sobre homofobia e *bullying*;
11. Apresentação de Seminários em sala de aula com a turma do 8º ano A e 8º ano C sobre diver-

tos temas: comunidades quilombolas, culinária afro-brasileira, o vocabulário africano no Brasil, poetas populares negros, religiões africanas, danças e ritmos africanos, escritores negros, mitologia africana e a Lei 10.639/03.

12. Apresentação de dança tribal africana com a aluna Evelyn Raiane, que faz parte do grupo Bacnaré, de Recife.

Descrrevendo o percurso

A dinâmica das atividades se deu através das leituras e discussões de textos, imagens e relatos de experiências que ocorreram nas aulas de português, no *Laboratório de informática*, onde tínhamos acesso às imagens e produções de texto, socialização e também pesquisas feitas na biblioteca. As atividades eram realizadas inicialmente com coletividade, em dupla e individual, mas cada aluno completava a ideia do outro, relacionando as opiniões e sugestões para os trabalhos.

Nas aulas de artes, iniciamos o trabalho fazendo uma exposição oral com imagens sobre a simbologia e o misticismo das máscaras africanas, o uso das máscaras nas tribos, um pouco do contexto histórico dessas máscaras, enfim, fizemos uma abordagem geral sobre a pintura africana, decorativa e corporal, sobre a variedade criativa da arte negra. A exposição do filme *Kiriku e a feiticeira* também nos ajudaram nesse sentido.

As turmas geralmente são muito indisciplinadas e barulhentas, então tivemos que levar imagens interessantes para chamar a atenção dos alunos e lançar a proposta de fazermos pinturas em estilo africano em telhas de cerâmica. A aceitação foi quase total, e, mesmo os poucos alunos que se negaram no início das aulas a fazer as pinturas, acabaram cedendo e envolvendo-se com o restante do grupo. Só um pequeno grupo de quatro alunas é que decidiram fazer as mandalas africanas com material reciclável; o trabalho no entanto, também foi interessante e fizemos a exposição no dia da culminância da Consciência Negra. Os trabalhos de alguns alunos estão em exposição até

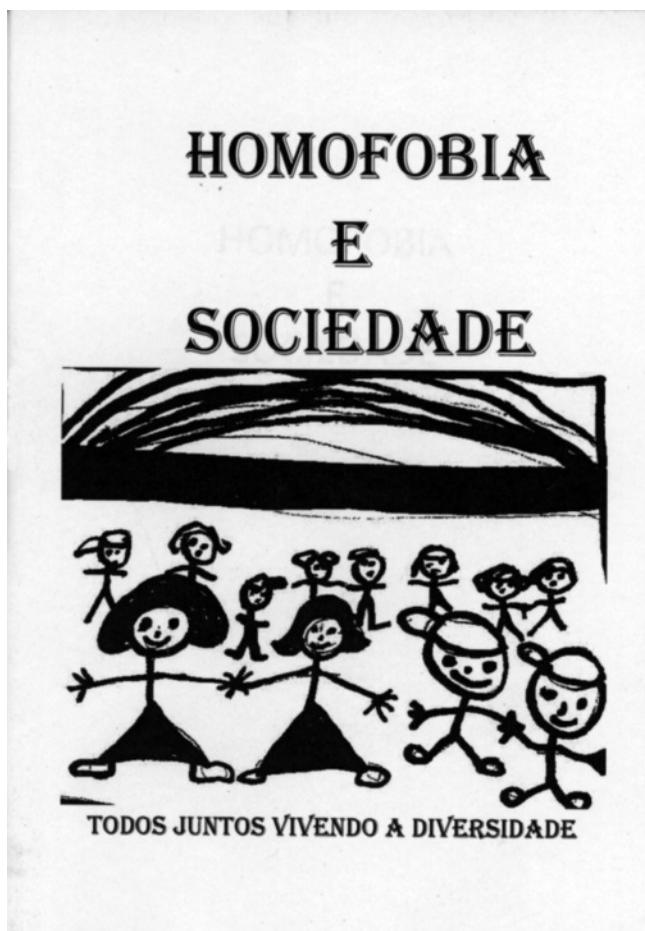
hoje na escola, e eles se sentem valorizados pelo trabalho que fizeram. Tivemos a ajuda da professora Angélica, que tem a disciplina de História, na abordagem oral do contexto histórico da cultura africana, o que fez que os alunos exercitassem um olhar para o incomum, um olhar mais atento e reflexivo sobre sua própria identidade e suas experiências de vida.

Nas aulas com os sextos anos, as turmas são numerosas e agitadas, mas a Professora Wilma, com muito esforço e dedicação, conseguiu concentrar os alunos nas produções das bonecas. Eles se descontraíram muito, ficaram bem à vontade, dividiram-se em grupo, sentaram no chão e começaram a manipular o jornal para moldar as bonecas; depois tiveram de pintar e foi uma verdadeira brincadeira, na qual percebemos a socialização e troca de idéias entre eles.

A professora Kate também desenvolveu um trabalho diferente e interessante com seus alunos do sétimo ano. Ela fez uma exposição oral e visual sobre a Técnica de Kurigami, que utiliza dobraduras com recortes em tesoura e expôs a ideia para a turma, que concordou em realizar o trabalho. Através desses exercícios, a professora Kate começou a observar um comportamento mais descontraído, mais afetivo entre os grupos. Eles se organizaram e distribuíram as tarefas entre si.

A avaliação dos trabalhos foram sendo realizadas durante o processo de abordagem, produção e finalização dos trabalhos sobre determinados temas.

Já a turma do 8º. ano A produziu uma peça sobre homofobia e apresentou na própria sala de aula. Houve espanto e comentários sobre o tema abordado, porque se tratava de uma família *diferente*, em que homens gostavam de homens, e mulheres, de mulheres, ou seja, ser hetero não era normal ou comum. Contudo, o trabalho foi apresentado para a turma, que, aos poucos, foram entendendo qual o nosso propósito e a ele assistiu com satisfação.



Cordel da escola Rotary do Alto do Pascoal | Recife

Conclusão

O processo avaliativo se deu a partir dos debates produzidos por cada aluno, que tinha um caráter autoavaliativo e crítico, referindo-se aos conceitos trabalhados nas produções artísticas, no conhecimento da Lei 10.639/03 e aos conteúdos absorvidos na prática, além de possibilitar que os participantes fizessem um resgate das temáticas abordadas.

Esta vivência permitiu aos alunos utilizarem materiais criativos, simples e recicláveis pertencentes às suas experiências de vida, à sua vivência de mundo, portanto todo o material usado estava dentro de nossas possibilidades e

limites de uma escola pública. Deu-se assim uma motivação coletiva, na qual se permitiu a autonomia de cada um, respeitando-se não só suas diferenças, mas também valorizando os seus saberes, para que pudéssemos transmitir ideias e conceitos construídos social e culturalmente. Portanto, um processo em que se valorizou cada um em sua individualidade, assim como seu material expressivo e criativo.

Como profissionais da área de educação, só temos a dizer que tudo foi muito válido, crescemos como pessoas e profissionais na área de educação. 



Uma rosa com amor

Ato contra a homofobia

Antonio José Vieira de Carvalho

Introdução

O título *Uma rosa com amor: ato contra a homofobia* se justifica pela necessidade urgente de se trabalharem questões relacionadas tanto à orientação sexual homoafetiva, bem como aos temas que estão intimamente interligados a ela, tais como: gênero, sexualidade, racismo, cultura, amizade, dentre outros de natureza semelhante. E mais: sobre a abordagem acerca de gênero, é importante salientar que a construção dos gêneros – feminino e masculino – é quase sempre carregada de estereótipos (rótulos) que colocam homens e mulheres dentro de *caixas*, ditando o que é adequado e o que é inadequado para cada um(a), limitando, assim, a capacidade de aprendizado e crescimento. A origem de muitos comportamentos dos homens e das mulheres é encontrada na maneira como eles(as) foram socializados e educados. E, mudar a forma como crianças, adolescentes e jovens são educados(as), não é tarefa fácil, mas também não é impossível. (Brasília: Ministério da Saúde. Vol. 7, 2011).

Os objetivos do projeto podem ser visualizados da seguinte forma

Geral

Desenvolver rodas de debate contextualizadas com textos e filmes sobre questões relacionadas à sexualidade, com ênfase nas relações homoafetivas, a cultura e a sensibilidade, bem como a produção de projetos contra a homofobia, os quais possam ser utilizados para verificar a mentalidade e a capacidade dos educandos com relação a essa temática.

Específicos

Promover a leitura, debate e confecção de resenhas de textos sobre a chamada *cura gay* e a criminalização dos atos homofóbicos, a fim de assegurar ações futuras com o auxílio de insti-

tuições externas especializadas no assunto;

Analisar o filme *Janela da Alma* a fim de perceber as várias formas do olhar sobre questões do cotidiano;

Observar o filme *Uma oração para Bobby* e perceber a relação do homossexual com a cultura e o que o preconceito é capaz de promover;

Estimular a confecção de projetos contra a homofobia, a fim de fazer com que os estudantes sejam produtivos nos aspectos político e acadêmico;

Assistir ao filme *O Pequeno Príncipe* e observar a forma altruísta sensível com a qual ele lida com as diferenças encontradas nos vários planetas e seus respectivos moradores visitados, bem como realizar resenhas críticas sobre as questões apresentadas, tanto a nível filosófico, como sociológico.

Assim, o ato contra a homofobia desenvolvido no ano de 2013 nasceu por se perceber que nesse contexto de vulnerabilidade está contido também um alto número de jovens com orientação homossexual. Por esta condição ainda ser provocativa aos olhos de uma parte da sociedade pernambucana, caberia propiciar algum tipo de ação que pudesse minimizar os possíveis transtornos que porventura pudessem diminuir ou frear o desdobramento e a respectiva elevação da capacidade social e acadêmica entre os estudantes e os grupos a que pertencem.

O relato de experiência

A Escola Rosa de Magalhães Melo é uma instituição localizada no Alto Santa Terezinha, bairro de Água Fria – Recife – Pernambuco. Como qualquer bairro periférico da zona norte da referida cidade, região de morros, é acometida pelos vários problemas político-sociais os quais não seria necessário elencá-los, mas sim simplificá-los em um único termo: vulnerabilidade.

A referida instituição escolar atua neste

momento com o Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos – EJA – e os projetos *Travessia*, *Mais Educação e Escola Aberta*.

De acordo com educadores e profissionais que atuam na escola em questão, existe uma gama significativa de estudantes que são homossexuais e que, nesse caso, carecem de maiores cuidados, para que não venham a ser tomados pela força avassaladora do preconceito e com isso cair em meios não muito significativos, como é o caso do mundo das drogas, da prostituição ou até mesmo da indiferença e do esquecimento social, o pior de todos.

Sobre a metodologia aplicada, a princípio, foi apresentada a temática e a necessidade de se trabalharem tais questões relacionadas à sexualidade e à orientação homossexual. Buscou-se assim ter o intuito de introduzir os estudantes do Ensino Médio na mística da ação contra a homofobia. Em seguida, coube-me estabelecer uma sequência lógica nas ações da seguinte forma:

1º. Leitura, debate e confecção de resenhas de textos sobre a polêmica *cura gay*. Já que é um assunto tão presente nas rodas de debate e nos meios de comunicação de massa e sobre *quando a homofobia se torna um crime*;

2º. Elaboração de projetos em pequenos grupos sobre como eles gostariam que fossem realizados os atos contra a homofobia;

3º. Transmissão de filmes com focos bastante específicos: a. *Janela da Alma* (Hermenêutica); b. *Uma oração para Bobby* (Sexualidade) e c. *O Pequeno Príncipe* (Estética);

4º. Debate contextualizado e realização de resenhas críticas sobre os filmes relacionados anteriormente no ponto 3º.

5º. Mobilização de toda a escola do segundo turno (tarde), para momento formativo sobre sexualidade com instituições externas (governamentais e não governamentais) a ser realizado da seguinte maneira: oficina de cartazes

com estudantes (Fundamental II, Ensino Médio e EJA) e mini curso sobre sexualidade e homofobia com os professores e funcionários disponíveis no momento da ação.

6º. Momento cultural com apresentações com estudantes do projeto escola aberta e lanche no salão da escola.

Dentre os itens elencados acima, somente o de número 6º não foi realizado. Não obstante o convite ter sido lançado ao professor de música do projeto Escola Aberta e a alguns estudantes, os quais promovem eventos na escola, foram confirmadas as participações, mas não ocorrerem de fato.

Deste modo, a grande questão da Escola Rosa de Magalhães Melo é o que ocorre em nossa sociedade moderna: apatia. Durante a execução do projeto, além do descontentamento e desconforto por parte de muitos, principalmente os evangélicos neopentecostais e machistas, outros tantos faziam questão de não assegurar o debate ou qualquer outra ação que tivesse a temática homoerótica, isso incluindo muitos professores.

Conclusão

Durante o desenvolvimento deste projeto, a princípio, percebi que a maneira e o critério de ter escolhido a mim para representar a escola foi bastante pertinente e feliz, não tanto por ser o responsável pelo ensino de Filosofia e Sociologia no turno da tarde, nem mesmo pela graduação que possuo (Filosofia e Teologia), mais sim por perceber que teria condições de realizar tal ação em prol de tantos outros que necessitam destes momentos formativos e informativos, principalmente sobre a orientação sexual.

Os problemas enfrentados foram muitos: rejeição por parte de estudantes e professores, xingamentos e insinuações, comentários maldosos, tentativa de boicote por parte de professores e estudantes na execução das atividades e transmissão de filmes, dentre outros fatores de natureza semelhante.

As ações foram executadas com a ajuda de profissionais e estudantes que perceberam a importância de existência de se falar e debater a homo afetividade (homossexualidade). Assim, como sugestão, percebo que deveria ser dada uma atenção maior à escola Rosa de Magalhães Melo pela condição atual latente de homo afetividade, ou seja, um número de meninos e meninas que não sabem lidar com tais questões da sexualidade, nem mesmo com a intolerância sofrida. ☹

Referências

CARVALHO, Walter. *Janela da Alma*. 35mm 2004.
MULCAHY, David. *Uma Oração para Bobby*. HD 2009.
DONEN, Stanley. *O Pequeno Príncipe*. 35mm 1974.
SANTOS, Cláudia. *Quando a homofobia torna-se crime*. Direito em revista. Recife: Jornal do Comércio, 2013.
ÂNGELA, Juliana. *A polêmica da cura*. Direito em revista. Recife: Jornal do Comércio, 2013.
REVISTA FILOSOFIA. *O surgimento dos homossexuais*.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidade e saúde reprodutiva – saúde e prevenção nas escolas*. Vol. 1. Brasília, DF:

Ministério da Saúde, 2011.
—. *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: gêneros – saúde e prevenção nas escolas*. Vol. 7. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.
—. *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: diversidades sexuais – saúde e prevenção nas escolas*. Vol. 8. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.
ESCOLA R.M.M. *Projeto Político-Pedagógico*. Recife: Escola R.M.M., 2010.
—. *Regime substitutivo*. Recife: Escola R.M.M., 2010



Homofobia e Sociedade

Adilson Fernando Sales de Barros | Odailta Alves da Silva

Introdução

A respeito das diversas discussões desenvolvidas acerca da diversidade sexual e das políticas públicas efetivadas a fim de acabar com a violência sofrida pela população LGBT, as instituições escolares continuam fazendo o caminho inverso: são uma das grandes reprodutoras de ideias preconceituosas. Documentos como o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, do Governo Federal, que têm como foco a inclusão, o combate à discriminação e à violência e a promoção dos direitos humanos e o programa *Brasil sem homofobia* são ignorados por grande parte da comunidade escolar, inclusive de professores e gestores.

É um dos objetivos gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais fazer com o aluno aprenda posicionar-se *contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais*. Contudo, percebemos que a escola acaba sendo um dos lugares onde mais observamos as manifesta-

ções desses preconceitos. Em função disso, sentimos a necessidade de desenvolver um projeto que tem como principal objetivo contribuir para acabar, ou pelo menos diminuir, a homofobia no ambiente escolar e, conseqüentemente, reduzi-la também na comunidade do Alto do Pascoal, uma vez que o conhecimento apreendido pelos nossos jovens é repassado para o local em que moram.

Este trabalho relatará as experiências vivenciadas dentro do projeto pedagógico *Homofobia e sociedade*, que foi desenvolvido na Escola Estadual Rotary do Alto do Pascoal. Esse projeto foi resultado do curso de formação ministrado no segundo semestre de 2013, pela ONG Gestos, em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Federal e a Secretaria de Educação de Pernambuco. Nos encontros, educadores da ONG discutiram temas como gêneros, machismo, sexismo, homofobia, sexualidade, racismo, discriminação, etnia e raça.

Nós, enquanto professores da escola Rotary do Alto do Pascoal, achamos pertinente o trabalho com a temática *Homofobia e Sociedade* já que percebemos ainda a força com que o pre-

conceito contra os homossexuais se apresenta no ambiente escolar e na sociedade como um todo. Entendemos que a resistência de alguns profissionais da educação em respeitar e debater de maneira respeitosa a homossexualidade em sala de aula é muito grande, o que contribui agressivamente com o preconceito que já é tão acentuado na sociedade geral e, sobretudo, nas instituições de ensino.

Ao desenvolvermos esse projeto na escola, traçamos alguns objetivos específicos:

Quanto aos professores

Refletir sobre a importância de se combater a homofobia no ambiente escolar e na sociedade em geral;

Identificar os danos físicos e psicológicos das vítimas da homofobia;

Desenvolver atividades em sala de aula que contribua para acabar ou, pelo menos, diminuir a homofobia na escola.

Reconhecer a importância do papel do professor no processo de construção de uma sociedade menos violenta, mais tolerante, igualitária e que respeite as diferenças.

Conhecer os direitos da comunidade LGBT;

Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

Quanto aos alunos

Entender a importância de se combater a homofobia e respeitar a diversidade;

Refletir sobre o papel do jovem na construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais igualitária;

Compreender as diversas possibilidades de

identidade sexual e respeitá-las.

Reconhecer os direitos das comunidades LGBT;

Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

Quanto aos alunos, funcionários da escola e membro da comunidade do Alto do Pascoal com orientação sexual LGBT:

Levantar a autoestima;

Reconhecer os direitos da comunidade LGBTs;

Refletir sobre as possíveis interpretações religiosas no tocante à condenação da homossexualidade.

O relato de experiência

O preconceito sofrido pelos alunos homossexuais nas escolas geralmente traz consequências, muitas vezes, irreparáveis, como a marginalização desses indivíduos, problemas com autoestima, baixo desempenho escolar, presença de comportamentos agressivos como forma de defesa para as violências sofridas e até a desistência escolar. A escola de todos não se apresenta efetivamente como a escola dos homossexuais, visto que estes são diariamente desrespeitados em sua sexualidade, tratados debochada e agressivamente.

A fim de diminuir as práticas homofóbicas constatadas na escola, foram desenvolvidas dez atividades dentro do projeto *Homofobia e sociedade*. Com total apoio da gestão escolar, conseguimos que toda escola participasse do projeto, o que é possível constatar nos relatos abaixo:

Atividade 1: Apresentação do projeto aos professores e à gestão.

Nesse momento, reunimo-nos com o corpo docente dos três turnos e com a equipe gestora para apresentar a proposta, a fundamentação teórica e as etapas do projeto. Nessa atividade,

utilizamos o recurso do projetor multimídia para mostrar o projeto apresentado.

Atividade 2: Formação dos professores.

Cientes da importância do papel do professor nesse processo de combate à visão heteronormativa compulsória da sociedade e a pedido da gestão da escola, organizamos uma palestra e alguns vídeos para discutirmos a importância de se combater a homofobia na escola. Essa etapa foi muito importante, pois, além de apresentarmos as orientações dos Planos Curriculares Nacionais – PCN – sobre a sexualidade e o preconceito, também falamos sobre o *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*, do Governo Federal, e o programa *Brasil sem Homofobia*. Também combatemos expressões como *homossexualismo* (orientando que homossexualidade não é doença e o correto é *homossexualidade*) e a expressão *opção sexual* (explicando que a sexualidade não é escolha, mas sim uma orientação que a pessoa já nasce com ela, afinal, as pessoas, no geral, não optariam por algo que, em função do preconceito social, ainda traz tanta dor).

Observamos uma grande participação dos educadores nesse momento, alguns apresentando depoimentos de experiências de homofobia vivenciada, e outros pedindo orientação em como lidar com os casos de homofobia e hiperatividade dos alunos homossexuais. A orientação dada é que se faz necessário trabalhar o combate à homofobia durante todo o ano letivo e nas diversas disciplinas. Só assim o índice de violência dessa natureza irá diminuir. Neste sentido, sugerimos alguns filmes que tratam sobre a temática.

Quanto à hiperatividade no aluno homossexual, orientamos que o professor deve observar se essa hiperatividade não é uma forma de defender-se das agressões sofridas e, caso não seja uma maneira de defender-se, é importante saber que, independentemente da orientação sexual, os adolescentes têm uma maneira muito espontânea de se expressar e, quando ele tem comportamentos sexualmente homo-orientados, essa orientação será destacada, portanto o

professor não deve ficar castrando o aluno, exigindo que ele ou ela *comporte-se como menino ou menina*. Em suma, os discentes precisam ser respeitados dentro das suas condições sexuais.

Atividade 3: Apresentação de filmes aos alunos e professores.

Nessa etapa, selecionamos alguns filmes: longas, curtas e documentários; a fim de iniciarmos as discussões sobre homossexualidade e homofobia. Os filmes assistidos foram: longa – *Orações para Bobby*; Curtas: primeiro capítulo de *Desejo proibido* e *Medo de quê?*. E diversos documentários tirados da internet: *A escola e a homofobia*, *Diga não à homofobia*, *Escola sem homofobia: construindo para a diversidade*, *Homofobia nas escolas*, *Homofobia é crime* e *Família homoparental*.

Alunos e professores, nesse momento, dirigiam-se ao auditório para assistirem aos filmes juntos. Exceto quando havia alguma resistência junto ao projeto, não obrigamos a participação de ninguém.

O filme *Orações para Bobby* foi escolhido para debatermos a culpa religiosa tão presente em muitos homossexuais. Um dos maiores argumentos para a não aceitação da homossexualidade é a ideia de pecado, de certo e errado, dentro dos princípios religiosos, e esse filme reflete de maneira profunda, clara e emocionante com respeito a esse tema.

No primeiro capítulo de *Desejo proibido* e no documentário *Família homoparental*, partimos para as discussões acerca dos direitos legais dos casais homossexuais e de como esses direitos sofreram alterações ao longo da história pois o primeiro capítulo do filme *Desejo proibido* traz essa reflexão no início dos anos 1960 na sociedade americana. Assim, procuramos refletir sobre o conceito de família e de amor.

Com o curta *Medo de quê?*, refletimos sobre os conflitos que as crianças, adolescentes e adultos passam no processo de reconhecimento e constatação de sua homossexualidade. Os demais documentários, todos curtos, foram ponto de partida para analisarmos a violência sofrida pelos homossexuais na escola e fora dela.

Após assistir aos filmes, iniciava-se uma roda de discussões sobre as impressões acerca do filme, com registro escrito por parte dos alunos. Geralmente esses filmes serviram para introduzir ou encerrar uma roda de discussão ou palestra sobre homofobia na escola.

Atividade 4: Palestras para os alunos.

Nas palestras direcionadas para os alunos refletimos sobre o sofrimento dos homossexuais, das agressões sofridas e da necessidade de mudança de postura diante de tal cenário. Procuramos quebrar com algumas ideias formadas de que *homossexualidade é perversão, imoralidade ou pecado*. Com o auxílio do projetor multimídia, mostramos o número da violência sofrida pelo público LGBT e apresentamos casos de homossexuais de sucesso, que constituíram família e possuem profissões bem conceituadas. Sempre no início ou final das palestras, exibimos pequenos filmes.

Atividade 5: Escrita do cordel.

Esse cordel foi desenvolvido com os alunos do 2º ano A (Médio) e ilustrado pelos alunos do 6º ano D. A produção textual aconteceu depois das palestras e exibição de filmes. Foi trabalhada a estrutura do gênero textual cordel, e os educandos tiveram acesso à leitura de diversos cordéis. Em seguida, foram levados textos falando sobre o tema. A sala foi dividida em grupos que fizeram diferentes leituras e, em seguida, produziram estrofes a partir do que foi lido. As partes produzidas foram lidas, copiadas no quadro, avaliadas e modificadas coletivamente. Na etapa da ilustração, os alunos do 6º ano tiveram acesso ao texto e ilustraram-no de acordo com os sentimentos despertados. A revisão, digitação e organização final do cordel foram feitas pelos professores organizadores.

Atividade 6: Escrita do livro *Apenas uma história de amor*.

Esse livro não fazia parte das etapas do projeto, mas, depois das palestras e da exibição dos fil-

mes, uma aluna do 1º ano noturno, de 17 anos, procurou-nos com um texto produzido por ela, contando a história de amor entre ela e uma colega de turma. Segundo a referida aluna, é o grande amor da sua vida, com quem deseja casar. O texto foi revisado, digitado, editado e publicado pelos professores organizadores e custeado pela gestão da escola, assim como todo material utilizado no projeto.

Atividade 7: Pintura das telas.

A pintura das telas foi uma das últimas etapas do projeto desenvolvida pelos alunos do 3º ano B noturno, pois queríamos que os alunos tivessem contato com bastantes informações e imagens sobre o tema para que pudessem fazer um trabalho bonito e diferenciado. Todos os alunos fizeram questão de participar dessa atividade, com depoimentos positivos sobre o projeto. O resultado foi belíssimo e exposto no dia da culminância.

Atividade 8: Coreografia das músicas: *O tempo não para* (Cazuza); *O que é o que é* (Gonzaguinha); *Doce mistério da vida*.

Convidamos discentes dos diversos turnos e turmas para participarem dessa atividade; conseguimos formar um grupo com oito estudantes que compareciam à escola no contraturno para ensaiar as coreografias montadas em parceria com os professores organizadores.

Atividade 8: Teatro.

Os mesmo alunos que participaram das coreografias também fizeram parte do teatro. Foram apresentadas duas cenas: na primeira, dois homens, que já moram juntos, resolvem casar e adotar uma criança e conseguem tudo com sucesso; no final, os atores disseram: *Os homossexuais também têm direito de constituir família!* Na segunda peça, um travesti, formado em direito, é vítima de preconceito numa entrevista e chama a polícia; o entrevistador é conduzido à delegacia, e a frase final é: *Homofobia é crime!*

Atividade 9: Produção de um documentário.

Esse trabalho foi a última atividade desenvolvida no projeto. Foi produzido e editado pelos alunos do projeto ECA da escola. Aqui, eles entrevistaram uma mulher e um homem homossexuais que moram na comunidade, entrevistaram também professores, o gestor da escola e alunos, que deram a opinião sobre o que acharam do projeto na escola.

Atividade 10: Culminância do projeto.

A culminância do projeto aconteceu no dia 13 de dezembro de 2013, no horário da manhã. Vale ressaltar que os alunos dos três turnos foram convidados e compareceram de bom grado; também tivemos a presença da gestão escolar e da ilustre coordenadora da ONC Gestos, Jô Meneses. Compareceu também uma representante da *Gerência Regional de Educação Recife Norte*. Nesse dia, os professores coordenadores, a gestão e os alunos da coreografia se apresentaram com camisetas feitas exclusivamente para o projeto. O evento foi iniciado com a banda da escola tocando o hino nacional. Em seguida, foi apresentado tudo que foi produzido no projeto: o lançamento do cordel (com leitura do texto, feita pelos autores); o lançamento do livro (com depoimento e autógrafa da autora); o lançamento do banner do projeto e de três exposições: pinturas de telas, fotos do projeto e mural com fotos e textos sobre homossexuais de sucesso; apresentação das coreografias e das peças

de teatro; exibição do curta produzido pelos alunos do ECA. Final do evento, os alunos e professores entregaram panfletos pela comunidade, ao som do frevo (tocado pela banda da escola).

Conclusão

Os resultados do projeto foram muito positivos, os depoimentos dos professores e alunos reverberaram essa afirmação. Percebemos, no decorrer desses cinco meses de projeto, uma mudança de postura na escola, onde o combate à homofobia passou a ser constante, e o respeito aos homossexuais algo posto em prática. Sabemos que ainda há muito o que fazer, mas também temos consciência de que demos um grande passo que precisa ter continuidade para que essa semente brote por toda comunidade e outras instituições de ensino.

As instituições escolares não podem continuar omissas diante dessa triste realidade. Nesse sentido, percebemos que a efetivação desse projeto foi de extrema importância e necessidade, não apenas na escola Rotary do Alto do Pascoal, mas em todos os espaços de discussão com o público jovem, em processo de formação e amadurecimento de opinião, a fim de formar cidadãos dispostos a respeitar os direitos humanos e honrar, não apenas a diversidade manifestada na homossexualidade, mas todas as diversidades tão próprias das sociedades. 🌀

Referências

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, 2003. 52 p.: 30 cm.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.



Palavras finais

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO *Igualdade também se aprende na escola* fez-nos concluir que hoje é de vital importância que as experiências aqui relatadas pelos professores sejam incorporadas como conteúdo estruturante das disciplinas e das relações sociais desenvolvidas no ambiente escolar. Compreendemos que esses conteúdos não podem ser apresentados nas escolas como programações eventuais, mas, de fato, envolver toda a comunidade e integrar o currículo vivo e cotidiano de docentes e discentes.

Aprendemos também que a missão de transformar a Escola num espaço de construção do respeito às diversas identidades sexuais e do reconhecimento e respeito às mulheres como cidadãs envolve não só o trabalho com os jovens, mas também com os professores, que necessitam de instrumentos e estratégias que os façam refletir sobre si e sobre o processo educativo no espaço educacional.

Sabemos que o contexto atual é desafiador e que, até certo ponto, ameaça impedir o avanço na construção de uma educação não discriminatória, que se pautar no respeito aos direitos humanos. Acreditamos, porém, que a escola e a educação, encorajando uma consciência cidadã, podem contribuir fortemente para a construção ao respeito à diversidade sexual, ao enfrentamento do machismo e racismo, que, por caminharem juntos, promovem a desqualificação das mulheres, em especial, das mulheres negras.

Por fim, queremos dizer que aprendemos muito com os professores e professoras, que, dedicando tempo, esforço e sentimento para torná-lo possível, construíram conosco esse projeto. A eles e a elas, o nosso maior agradecimento. 

A Gestos contribui para as mudanças das relações de gênero, com vistas à desconstrução dos estereótipos e promoção de mudanças nos comportamentos, atitudes e discursos que reproduzem as desigualdades entre homens e mulheres. Introduzindo esse tema no convívio escolar e na prática pedagógica.

Na escola, como reflexo da sociedade, temos enfrentado um contexto desafiador, que continua sendo pautado pela ideologia patriarcal e racista, que, nesses últimos anos, tem-se aguçado a partir de uma onda conservadora que atinge inclusive o parlamento. Nesse sentido, muitos avanços que poderiam ocorrer na sociedade e na comunidade escolar têm-se refreado a partir de uma lógica machista, heteronormativa e racista, que termina por promover a desqualificação do outro, a exclusão e a violência.

Visando contribuir com uma lógica diferente dos sentidos colocados por essa ordem, somamo-nos ao corpo docente de escolas públicas de quatro municípios e desenvolvemos então o projeto *Igualdade também se aprende na escola.* 

